

## Narrativa Transmídia e Cultura Escolar: Desafios<sup>1</sup>

Gisele Maria Souza BARACHATI<sup>2</sup>  
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

### RESUMO

Este trabalho tem como tema os desafios contemporâneos do uso de mídias e de narrativas transmídia na cultura escolar. A problemática do multiletramento na educação básica traz novos horizontes ao professor quanto à possibilidade de criação de novas formas de expressão e comunicação, para além da primazia do texto verbal impresso. Para essa discussão, são tematizados conceitos como trabalho docente, multiletramentos e narrativa transmídia, a partir de um exemplo prático de sala de aula que tome a leitura de um conto popular como ponto de partida para a produção de narrativas transmídia, expandindo as possibilidades de criação e interação dos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação básica; multiletramento; narrativa transmídia; trabalho do professor.

O professor disserta  
Sobre ponto difícil do programa.  
Um aluno dorme,  
Cansado das canseiras desta vida.  
O professor vai sacudi-lo?  
Vai repreendê-lo?  
Não.  
O professor baixa a voz,  
Com medo de acordá-lo.  
Carlos Drummond de Andrade

### PREFACIANDO

Muito se fala sobre o trabalho do professor. Em geral, a ideia que se tem sobre este *métier* é que ele se resume à tarefa de dar aulas. Quantas vezes já não ouvimos perguntas como esta: “Você só dá aula ou faz mais alguma coisa?”<sup>3</sup> O trabalho docente é muito mais do que isso. Para falar sobre desafios na cultura escolar, especialmente aqueles relacionados ao uso de mídias e às narrativas transmídia, é preciso inicialmente situar o leitor a respeito da concepção de trabalho docente a que nos referimos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Gisele Maria Souza Barachati é graduada em Letras e Pedagogia, mestre em Linguística Aplicada e doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie desde 2017, com pesquisa na área de ensino de literatura.

## BREVES PALAVRAS SOBRE O TRABALHO DO PROFESSOR

Lembro-me: nesse dia de julho, o sol que descia da serra era bravo e parado. A aula era de geografia, e a professora traçava no quadro-negro nomes de países distantes. As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e de um rio, a Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros. Então, nasci. De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever.  
Carlos Drummond de Andrade

O conceito de trabalho, segundo autores como Clot, Amigues e Saujat (1999, 2004, 2002 *apud* MACHADO & BRONCKART, 2009), consiste em uma atividade que sempre se realiza em um contexto social específico, envolvendo uma situação imediata e uma mais ampla, apresentando determinadas características, como explicam Machado e Bronckart (2009, p. 36-37):

- a) *é pessoal* e sempre única, envolvendo a totalidade das dimensões do trabalhador (físicas, mentais, práticas, emocionais etc);
- b) *é plenamente interacional*, já que, ao agir sobre o meio, o trabalhador o transforma e é por ele transformado;
- c) *é mediada por instrumentos* materiais ou simbólicos;
- d) *é interpessoal*, pois envolve sempre uma interação com *outrem* (todos os outros indivíduos envolvidos direta ou indiretamente, presentes ou ausentes, todos os “outros” interiorizados pelo sujeito);
- e) *é impessoal*, dado que as tarefas são prescritas ou prefiguradas por instâncias externas;
- f) *e é transpessoal*, no sentido de que é guiada por “modelos do agir” específicos de cada “métier”.

É nesta perspectiva que tomamos o trabalho do professor: como uma atividade complexa e conflituosa, na qual o trabalhador faz escolhas permanentes que podem gerar conflitos com outros trabalhadores, com o próprio meio, seus artefatos e prescrições, guiando-se por objetivos pessoais e ao mesmo tempo, pelo compromisso com as prescrições, com a situação específica de trabalho e seus próprios limites e capacidades físicas e mentais (MACHADO & BRONCKART, 2009).

Mais especificamente em relação ao trabalho do professor, Machado e Bronckart (2009, p.39-40) propõem uma definição provisória, que coaduna bem com as reflexões propostas neste capítulo:

[...] o trabalho do professor, especificamente o seu trabalho em sala de aula, mobiliza seu ser integral, em suas diferentes dimensões (físicas, cognitivas, languageiras, afetivas etc.), com o objetivo de criar um meio propício à aprendizagem de determinados conteúdos e ao desenvolvimento de determinadas capacidades dos alunos. A realização dessa atividade é sempre orientada por prescrições e por modelos do agir, que são apropriados pelo professor, e desenvolvida em interação permanente com a atividade de outros actantes (dos alunos principalmente) e com utilização de instrumentos materiais ou simbólicos, oriundos da apropriação de artefatos disponibilizados pelo meio social.

A complexidade do trabalho educacional pode ser representada pelo seguinte esquema proposto por Bronckart (2007 apud GUIMARÃES; MACHADO & COUTINHO, 2007, p.92), ao representar os elementos básicos do trabalho do professor que interferem na prática docente, em sala de aula:

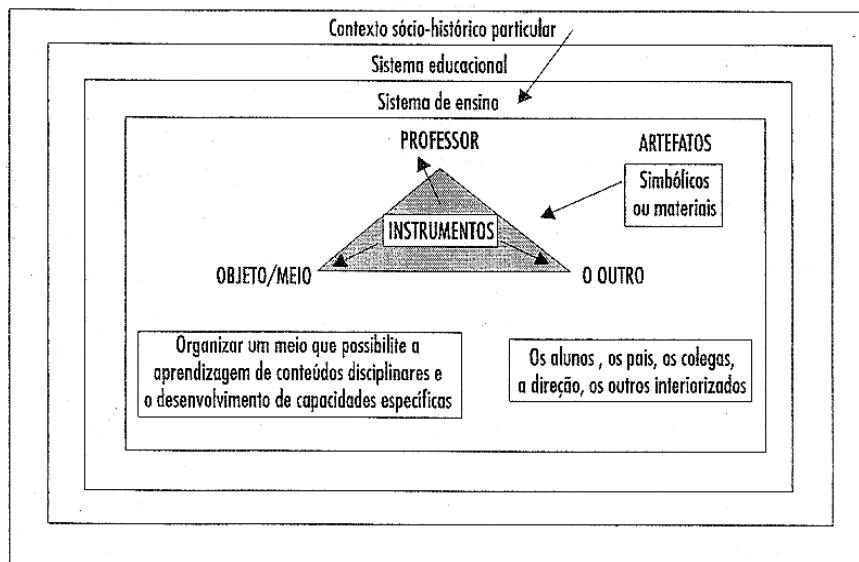


Imagem 1: Elementos básicos do trabalho do professor.

Nos deteremos, mais adiante, nos aspectos do trabalho do professor relacionados à criação de espaços ou meios propícios à aprendizagem e à utilização de artefatos materiais ou simbólicos, com foco nos desafios e potencialidades das narrativas transmídia.

## 1. NA SALA DE AULA

Imaginemos duas situações de sala de aula. Na primeira, o professor, após ter desenvolvido um trabalho de leitura de textos narrativos com seus alunos, solicita à turma que reescreva um dos contos lidos alterando-se o seu desfecho. Os alunos imediatamente

---

iniciam a tarefa de escrita, com lápis e papel na mão. O professor então recebe os textos, os corrige e devolve aos alunos com as devidas anotações. Em seguida, os textos são arquivados.

Na segunda situação, o professor, após ter desenvolvido um trabalho de leitura de textos narrativos com seus alunos, divide-os em grupos e solicita-lhes as seguintes tarefas, a partir de um dos contos trabalhados - *Pedro Malasartes e o lamaçal colossal*<sup>4</sup>: a) a produção de um *podcast* que conte um pouco da vida de Malasartes, como sua infância e as artes que cometia a ponto de receber tal apelido; b) a produção de uma radionovela, que retrate como Malasartes chegou à fazenda de seu patrão; c) a produção de um curta metragem ficcional sobre a vida do patrão – um fazendeiro rico e sovina d) a criação de uma nova história - em quadrinhos – com o personagem Malasartes envolvido em uma nova aventura, depois de ter deixado a fazenda cheia de dinheiro no bolso e por fim, f) a criação de uma história em formato de texto dramático (teatral), que narre uma aventura de Pedro e possa ser dramatizada na escola, ao final do trabalho.

Para a realização das tarefas, os alunos têm a sua disposição o laboratório de informática da escola, seus próprios celulares com recursos de gravação de filme e captura de áudio e imagem, entre outros recursos disponíveis na escola. O professor, nesse processo, atua como mediador dos alunos na organização das tarefas, ora disponibilizando informações sobre os gêneros solicitados – **podcast, radionovela, texto dramático, curta metragem ficcional e histórias em quadrinhos** – ora atuando diretamente com a turma na gravação de vídeos, áudios, estruturação de textos, edição de textos, vídeos e imagens para a finalização dos trabalhos. No final do processo, o professor – admirado com o resultado do trabalho dos alunos – promove um *Festival de Artimanhas* na escola. O festival culmina com a criação de um *blog* para a armazenagem e o compartilhamento dos conteúdos produzidos pelos alunos, convidando à participação toda a escola, com a abertura de um espaço de divulgação de trabalhos, de comentários e de novas postagens de conteúdos relacionados ao conto e a outros interesses dos alunos. Além do festival e da criação do *blog*, o professor resolve transmitir o filme *As aventuras de Malasartes*, produzido e estrelado por Amácio Mazzaroppi, na instituição, tamanha a empolgação dos alunos com o evento e a participação no *blog*.

---

<sup>4</sup> Conto popular recontado por Ana Maria Machado.

As situações de sala de aula apresentadas mostram duas formas diferentes de se trabalhar com narrativas na escola. Em ambas, houve a criação de espaços ou meios propícios à aprendizagem, uma vez que os alunos foram capazes de realizar as atividades propostas com sucesso.

A mobilização de artefatos materiais e simbólicos também ocorre nas duas situações de ensino e de aprendizagem: conhecimentos (artefatos simbólicos) e ferramentas (artefatos materiais) são articulados para a construção de novas narrativas. Entretanto, ao proporcionar aos alunos a experiência de criar narrativas adicionais ao conto de Pedro Malasartes, utilizando diferentes meios de comunicação, o professor da segunda situação leva para a sala de aula a experiência das narrativas transmídia. É sobre narrativas transmídia em contextos educacionais que nos deteremos neste momento.

## 2. NARRATIVA TRANSMÍDIA EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS

A literatura, pela liberdade que a funda, exprime conteúdos diversos, essenciais e secundários, evidentes e problemáticos, coerentes e contraditórios, que frequentemente antecipam os conhecimentos vindouros. Em cada época, textos estranhos e atípicos nos mostram (ou nos lembram) que o ser humano continua sendo um universo com vasta extensão a explorar.  
Vincent Jouve

Uma narrativa todo mundo sabe, basicamente, o que é: uma história, com ações que se desenrolam temporalmente, envolvendo personagens, ambientes e um narrador. Possui começo, meio e fim e apresenta em seu enredo certo tipo de conflito que precisa ser solucionado.

No conto *Pedro Malasartes e o lamaçal colossal*, por exemplo, o matreiro Malasartes é contratado por um fazendeiro para colher café. Pedro trabalhava duro, de sol a sol, e quando chegava o dia do pagamento o patrão lhe descontava a dormida na fazenda, a comida que lhe era servida, o pedacinho de terra onde armava sua esteira, o uso do rio, a conta que tinha no armazém e as hortaliças que colhia de vez em quando para comer. Malasartes, descontente com a exploração do patrão, resolveu pregar-lhe uma peça, oferecendo-se para tomar conta dos porcos da fazenda, que eram o grande orgulho do patrão por lhe renderem um bom dinheiro.

O trabalho era duro, mas Pedro não desanimou e, ao terminar de cuidar da lavagem dos animais, pediu ao fazendeiro permissão para levar os porcos para passear. O homem

---

estranhou o pedido, mas foi convencido por Pedro ao alegar que o passeio deixaria a carne dos porcos mais macia, valorizando a venda dos animais.

Malasartes saiu com os porcos e os vendeu bem baratinho para um caminhoneiro que passava pela estrada, mas não sem antes cortar todos os rabos dos pobres animais. Em um lamaçal colossal, espetou os rabos na lama e foi correndo ter com o patrão. Esbaforido, Pedro contou que os porcos estavam afundando em um lamaçal e precisavam ser resgatados. Pediu ao patrão autorização para selar uma mula e solicitar ajuda ao vizinho, mas o patrão emprestou-lhe logo um cavalo, que o tempo urgia e não havia espaço para demora. Neste momento, Malasartes sumiu da fazenda a cavalo e com dinheiro no bolso, recuperando todos os descontos que o patrão havia feito em seu salário.

Como se vê, a história de Malasartes tem um começo, um meio e um fim. Todavia, ao solicitar aos alunos que criassem novas histórias a partir desse conto, utilizando para isso diferentes mídias, o professor da segunda situação de sala de aula iniciou um trabalho de narrativa transmídia com a turma. Gosciola & Versuti (2012) definem narrativa transmídia da seguinte maneira:

A narrativa transmídia é basicamente uma grande história. O que a diferencia de outras grandes histórias é que ela é dividida em partes. A mais importante delas é a história principal, que não conta tudo porque é complementada por histórias adicionais. Outra característica que a torna mais singular ainda é que cada uma dessas histórias é veiculada por um meio de comunicação diferente, definido por ser aquele que melhor consiga expressá-las.

A grande história é aquela recontada por Ana Maria Machado: Pedro Malasartes e o lamaçal colossal. As novas narrativas, complementares à principal, mas ao mesmo tempo independentes dela, são criadas pelos alunos ao tomarem os personagens do conto para: contar a história da vida de Pedro - em um *podcast*, narrar a história de sua chegada à fazenda do patrão - em uma radionovela, narrar a história de vida do patrão em um curta-metragem e criar novas aventuras para Pedro na forma de uma história em quadrinhos e de um texto teatral, para ser encenado na escola.

Desta forma, cada novo texto criado pelos alunos contribui de maneira distinta para a narrativa principal como um todo. Jenkins (2009) explica que a narrativa transmídia promove a expansão da história em múltiplas plataformas de mídia (televisão, rádio, Internet entre outras), podendo o leitor/autor/espectador experimentar cada uma

delas independentemente, encontrando em cada história motivos para acessar (ou não) as demais.

Importante destacar que o envolvimento dos alunos em propostas de narrativas transmídia tem grandes chances de extrapolar o espaço da sala de aula, devido às possibilidades de interatividade mediadas pelas redes digitais que modificam as formas de consumo e produção de informação, assim como o acesso a bens culturais (2016, COELHO & GALLO).

O uso de tecnologias digitais na produção de narrativas transmídia cria novas possibilidades de expressão e comunicação, para além do texto verbal impresso, o que possibilita à cultura escolar a incorporação de diferentes suportes e mídias de textos - orais e escritos - bem como a inserção de tecnologias digitais como espaços de interação. A essa diversidade cultural e de produção de linguagem Rojo (2012, p. 22-23) chama de multiletramento:

Em qualquer dos sentidos da palavra “multiletramentos” - no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos ou no sentido da diversidade de linguagem que os constituem -, os estudos são unânimes em apontar algumas características importantes:

- a. eles são interativos; mais que isso, colaborativos;
- b. eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [ verbais ou não]);
- c. eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

[...] Uma das principais características dos novos (hiper)textos e (multi)letramentos é que eles são interativos, em vários níveis (na interface, das ferramentas, nos espaços em rede dos hipertextos e das ferramentas, nas redes sociais etc.).

Como se pode ver, a produção de narrativas transmídia na escola cria espaços propícios ao desenvolvimento de multiletramentos, especialmente devido às possibilidades de interação entre os alunos por meio de diferentes mídias, alterando o papel dos jovens de consumidores e espectadores passivos de conteúdos a produtores e consumidores ativos nesse processo. A integração de múltiplos textos em variadas linguagens e o uso de artefatos tecnológicos (materiais) potencializa a criação de espaços ou meios propícios à aprendizagem, bem como o uso de artefatos simbólicos (conhecimentos) tanto pelos alunos, quanto pelo professor.





---

cultura escolar: alunos, pais, equipes docentes, equipes gestoras, técnicos de secretarias de educação entre outros.

Por si só o *métier* do professor é desafiador. O trabalho com as narrativas transmídia nas escolas, portanto, se insere na complexidade que representam os elementos básicos do trabalho educacional. Todavia, o trabalho com as narrativas transmídia evidencia aspectos da cultura escolar que precisam – de certa forma – ser superados ou ressignificados - para que a potencialidade desse trabalho possa penetrar e transformar essa cultura.

Um primeiro desafio refere-se a uma alteração na dinâmica própria da sala de aula: os alunos deixariam de representar um papel de passividade e receptividade de conteúdos para assumirem um papel mais interacional, tanto com os objetos de conhecimento, quanto com os próprios colegas e o professor. Neste sentido, o professor também seria desafiado a uma mudança significativa em seu papel: de central nos processos de ensino e aprendizagem a mediador desse processo.

Outro desafio trazido pela realidade das narrativas transmídia é a possibilidade de o professor não só aceitar que a exploração de objetos de conhecimento pode acontecer fora da escola, mas sobretudo incentivar que essa exploração aconteça (descentramento da sala de aula). Ao interagir com o objeto de conhecimento em diferentes ambientes, formais e informais de educação, os alunos são desafiados a uma participação mais ativa e colaborativa na construção de saberes, deixando de lado o papel de espectadores para assumirem-se como protagonistas de seu processo de aprendizagem.

Outro desafio que se instaura para o professor é a tarefa de estimular diferentes formas de participação, comunicação e engajamento dos alunos com o objeto de conhecimento, trazendo para o espaço escolar uma experiência mais ampla e não linear de interação com os conteúdos, utilizando para isso tecnologias e mídias, na leitura e produção de múltiplos textos em variadas linguagens (COELHO & GALLO, 2016).

Transformar os artefatos tecnológicos e midiáticos em verdadeiros instrumentos, facilitadores das práticas de ensino e de aprendizagem, em vez de acessórios ou apêndices escolares é também um desafio ao trabalho educacional. Outra situação desafiadora para o professor é evitar a prática de exposição do objeto de conhecimento de modo pronto e acabado, utilizando para isso definições e exemplos trazidos por ele para a recepção pelos alunos em sala de aula. A escola precisa configurar-se como um espaço de descoberta, de exploração e de resolução de problemas para os quais nem sempre o professor terá a

solução, mas poderá contar a construção de respostas coletivas e colaborativas às questões suscitadas. Segundo Coelho e Gallo (2016, p. 124):

[...] o ambiente ou os conteúdos de ensino têm de ser percebidos pelo aprendiz em termos de problemas, relações e lacunas que ele deve preencher, a fim de que a aprendizagem seja considerada significativa e relevante. Nesse sentido, não há uma rota fixa e pré-determinada para a descoberta do objeto de conhecimento pela exploração

Para o aluno também é desafiador poder fazer descobertas por si mesmo e com a colaboração de colegas e do professor, num verdadeiro movimento de compartilhamento de informações. O trabalho com as narrativas transmídia estimula ações colaborativas e cooperativas em relação ao objeto de conhecimento, ao mesmo tempo em que mobiliza e desenvolve diferentes tipos de letramento a partir do uso de tecnologias e mídias.

Nessa perspectiva, a relação entre alunos e professores também precisa ser mais dialogal, o que acabará por provocar transformações também nas práticas de avaliação adotadas em sala de aula: todo o processo de construção de conhecimentos precisará ser considerado nas avaliações e não somente o produto final desse processo.

Assim, todos os elementos básicos do *métier* do professor acabam sendo reconfigurados a partir de práticas como àquela do segundo professor, culminando em um currículo mais dinâmico, que contemple as demandas sociais de todos os agentes envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem. Isto significa dizer que a cultura escolar se transforma na medida em que surgem novas formas de contar uma boa história, como as narrativas transmídia. Neste sentido, é preciso investir nessa direção.

## POSFACIANDO

Cuidado, leitor!  
Ao dobrar esta página,  
Nada tema: o poeta  
É só um sonho do poema.  
Carlos Vogt

Os dois professores citados nesta breve reflexão sobre os desafios da narrativa transmídia no contexto de uma cultura escolar trabalham em uma mesma escola. Um não é melhor do que o outro. Cada qual compreende seu *métier* a sua maneira, (re)configurando-o a seu modo. Talvez o segundo professor reconfigure o seu agir

docente com mais facilidade do que o primeiro, procurando apropriar-se de artefatos tecnológicos em suas aulas e da participação colaborativa de seus alunos na produção de narrativas (inter)mediadas por diferentes linguagens.

Embora as situações aqui apresentadas sejam hipotéticas, elas são representativas de diferentes práticas educativas que se encontram espalhadas em milhares de salas de aula em todo o país, quiçá do mundo. A criação de espaços ou meios propícios à aprendizagem não depende exclusivamente da utilização de artefatos materiais (tecnológicos ou não), mas especialmente de artefatos simbólicos, isto é, “a narrativa transmídia pode ser vista como um raciocínio” (COELHO; GALLO, 2016, p.119), uma nova forma de pensar a produção de narrativas na atualidade, a partir da convergência de diferentes mídias e de diferentes histórias. O que não falta por aí são história boas para contar, não é mesmo?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Coelho, M. das G. P.; Gallo, P. (2016). O descobrir por si: apontamentos metodológicos para a aprendizagem transmídia em sala de aula. In: Amarilha, M. (Org.) *Educação e leitura: desafios e criatividade*. Campinas: Mercado de Letras. p. 113-136.

Gosciola, V. & Versuti, A. (2012). Narrativa transmídia e sua potencialidade na educação aberta. In: Okada, A. (Org.). *Open Educational Resources and Social Networks: Co-Learning and Professional Development*. London: Scholio Educational Research & Publishing. Disponível em: <[http://oer.kmi.open.ac.uk/?page\\_id=428](http://oer.kmi.open.ac.uk/?page_id=428)>. Acesso em: 28 out. 2018.

Guimarães, A. M. M.; Machado, A. R.; Coutinho, A. (Org.). (2007). *O Interacionismo Sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas: Mercado de Letras.

Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência*. São Paulo: Alephe.

Jouve, V. (2012). *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola.

Machado, A. M. (2004). Pedro Masalartes e o Lamaçal Colossal. In: Machado, A. M. *Histórias à brasileira: Pedro Malasartes e outras*. São Paulo: Companhia das Letrinhas. p. 10-18.

Machado, A. R.; Bronckart, J. (2009). (Re) Configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo Alter-Lael. In: Machado, A. R.; Abreu-Tardelli, L. S.; Cristovão, V. L. L. (Org.). *Linguagem e Educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Campinas: Mercado de Letras.

Rojó, R. & Moura, E. (Orgs.). (2012). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola.